



VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

AS DESMEDIDAS PROVISÓRIAS DE UM PAÍS. OLHARES NEGROS DE LÁZARO RAMOS

ARIANE FERREIRA DE LIMA¹

GILBERTO FREIRE DE SANTANA²

AFILIAÇÃO

¹Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) — Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL) — R. Godofredo Viana, 1300, Centro, Imperatriz-MA, 65900-100.

²Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) — Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras (CCHSL) — R. Godofredo Viana, 1300, Centro, Imperatriz-MA, 65900-100.

RESUMO

Este estudo objetiva analisar o conceito de lugar de fala e o fenômeno do racismo estrutural na obra cinematográfica “Medida Provisória”, dirigida por Lázaro Ramos em 2020. Para tanto, foram realizadas discussões relacionadas ao cinema negro brasileiro e à sua dimensão pedagógica. O método de análise fílmica adotado abrangeu tanto aspectos estruturais (como a imagem e a narrativa) quanto temáticos (abordando as relações raciais). Como resultado da análise, constatou-se que “Medida Provisória” (2020) desempenha um papel crucial na autorrecuperação política negra ao recriar de forma cinematográfica memórias traumáticas do tráfico negreiro e do processo de embranquecimento, utilizado como estratégia de extermínio da população e da cultura negra. Além disso, o filme enfatiza o “amor à negritude” como um afeto político significativo em uma sociedade dominada pelo ódio à diferença racial. Nesse contexto, a interpretação do filme como uma fonte de conhecimento e como uma ferramenta de reflexão crítica se integra de maneira coerente às práticas pedagógicas antirracistas.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo Estrutural; Lugar de Fala; Cinema Negro.

INTRODUÇÃO

A educação desempenha um papel fundamental na socialização das novas gerações e na construção do repertório cultural. O cinema, como meio audiovisual, tem um potencial humanizador que influencia as subjetividades e as visões de mundo. No entanto, no Brasil, a representação positiva no cinema tem sido predominantemente branca, gerando discussões sobre o racismo.

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

A branquitude no Brasil visa perpetuar seu domínio controlando as imagens que internalizam o racismo na sociedade. A intervenção crítica de realizadores e atores negros no cinema é essencial para a autodefinição e autorrepresentação, bem como para construção de uma perspectiva própria na cultura audiovisual.

O estudo do cinema negro como fonte de conhecimento e reflexão crítica se alinha com práticas pedagógicas antirracistas, pois o cinema transcende a barreira da escrita ao transmitir emoções, valores e ideologias por meio de imagens. A análise de filmes, como “Medida Provisória” (2020), de Lázaro Ramos, é essencial para compreender o racismo estrutural e o lugar de fala na obra.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo envolveu uma revisão da literatura que considerou autores como Silvio Almeida (2019), Djamilia Ribeiro (2019), bell hooks (2019), Cida Bento (2022), Alessandra Devulsky (2021), Frantz Fanon (2021), Noel Carvalho (2005; 2022), Arthur Sá Neto (2011), Jean Claude-Carrière (2015), Jacques Aumont e Michel Marie (2010), Rosália Duarte (2009) e Bárbara Pinheiro (2023). A pesquisa concentrou-se na análise do filme “Medida Provisória” (2020), dirigido por Lázaro Ramos. O método de análise empregado abarcou tanto aspectos temáticos, como as relações raciais, quanto elementos estruturais, como a narrativa e a imagem. A análise da imagem foi respaldada pela utilização de fotogramas, que representam a citação mais literal da imagem de um filme, conforme Aumont e Marie (2010). Desta forma, a pesquisa explorou a riqueza crítica da obra fílmica, tanto em seu discurso imagético quanto narrativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo bell hooks (2019), o cinema é a experiência de mídia que exerce maior influência sobre a imagem da população negra, uma vez que o racismo é um elemento cultural. Ele não é o todo, mas é a faceta mais visível do sistema de referências do oprimido (Fanon, 2021). Portanto, o racismo repercute no cinema, produzindo discursos sobre a raça.

O cinema brasileiro é marcado por metáforas raciais, como demonstrou o cinemanovista Orlando Senna, responsável por dividir a história do cinema em três fases

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

conforme as imagens racialmente predominantes: a primeira, era do cinema branco, que abrangeu o período de 1898 a 1930; a segunda, denominada de cinema mulato, surgiu após o Golpe de 30, influenciada pela tese de democracia racial; a terceira fase, denominada de negro/povo, é representada pelo Cinema Novo, em que o negro simbolizava a população empobrecida (Carvalho, 2005). O cinema negro nasce em 1970, influenciado pelo ideário de africanidade e negritude emergentes nessa época. Mais tarde, em 1999, foi articulado o Dogma da Feijoada, que propôs paradigmas para definir o cinema negro, privilegiando a autoria e o protagonismo negro nas obras cinematográficas (Carvalho, 2022).

O filme “Medida Provisória” atende aos principais paradigmas que definem o cinema negro por ser idealizado, realizado e protagonizado por artistas negros. O filme apresenta um Brasil distópico, em que o governo deporta os cidadãos negros de pele escura e clara para o continente africano. Isso impacta o casal formado por Antônio (Alfred Enoch) e Capitú (Taís Araújo), assim como André (Seu Jorge), que mora com eles. Antônio e André ficam presos em casa, sem acesso a recursos básicos para a sobrevivência deles, tentando resistir à violência política. Enquanto Capitú se refugia em um *Afrobunker*, que exerce um papel semelhante ao dos quilombos no filme.

A análise do filme foi dividida em duas partes. Primeiro, foi analisado o racismo estrutural apresentado no filme, segundo as formulações de Silvio Almeida (2019). Para tanto, analisou-se a primeira sequência narrativa, utilizando fotogramas, em que os personagens aparecem subindo e descendo escadas. As escadas operam como uma metáfora da estrutura racista da sociedade, evidenciando a estratificação social e a segregação racial, resultantes da herança colonial.

Figura 1: Escadas como metáfora do racismo estrutural

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

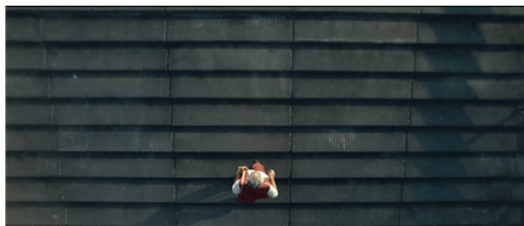
Fotograma 1:



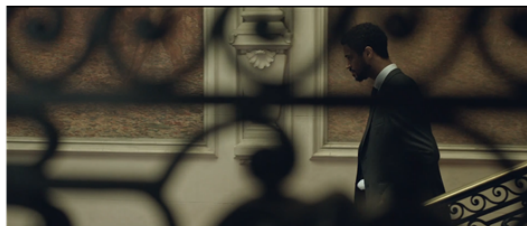
Fotograma 2:



Fotograma 3:



Fotograma 4:



Mediante a análise dos fotogramas, demonstrou-se que a legalidade, ou seja, o sistema judiciário, estrutura as relações raciais. No filme, os personagens negros estão lutando por uma indenização pelo período escravocrata. Na realidade, essa luta é antiga. Data de 1883, quando Luiz Gama calculou que o Brasil devia mais de 1 trilhão de reais em salários não pagos aos escravizados (Bento, 2022). O Estado nunca compensou a população negra, mas pagou indenizações aos escravocratas brancos, como previsto na Lei do Ventre Livre de 1871 (Bento, 2022).

Assim, o filme denuncia que o racismo estrutura a sociedade, gerando privilégios para brancos e desvantagens para negros, conforme apresentado por Silvio Almeida (2019). Ele é parte do funcionamento *normal* da sociedade. Ou seja, o racismo não é uma irracionalidade, um desarranjo institucional ou uma patologia social. Muito pelo contrário, o racismo estrutura e sistematiza todo o tecido social, passando pelas relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares.

Nesse ensejo, “Medida Provisória” (2020) mostra as limitações e entraves do antirracismo que opera mediante reformas no sistema. O filme reforça que “as ferramentas do opressor nunca derrotarão a Casa-Grade” (Lorde, 2019, p. 139-140). Na verdade, essas ferramentas, além de oferecerem limitações, são poderosas armas na mão do opressor.

Por isso, a aprovação da Medida Provisória explora as funções do racismo ligadas ao poder do Estado. Segundo Silvio Almeida (2019), a primeira função é dividir as pessoas com base na raça, determinando quem merece morrer e quem merece viver. A segunda, envolve

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

estabelecer uma relação positiva com a morte do Outro. Essa morte não é apenas biológica, mas também política, ideológica e cultural.

Dessa forma, o filme explora o terrorismo branco para denunciar como o poder de “fazer morrer” do Estado assassina violentamente pessoas negras periféricas, enquanto tortura pessoas negras no centro da cidade. Antônio e André, por exemplo, privados de acesso aos recursos básicos para a manutenção da vida, no centro do Rio de Janeiro, sob a justificativa de que é mais barato recolher os seus cadáveres do que deportá-los para a África. Enquanto as personagens Izildinha (Renata Sorrah) e Isabel (Adriana Esteves) exemplificam que a morte do Outro é considerada uma garantia de segurança, do desenvolvimento sadio da sociedade e, sobretudo, do “fortalecimento do grupo ao qual se pertence” (Almeida, 2019, p. 93).

Assim, o filme leva ao extremo o processo de embranquecimento como estratégia de extermínio da população negra. Nisso, reencena memórias traumáticas do tráfico negreiro, revelando a continuidade do colonialismo, sem se preocupar em oferecer maiores contextualizações para o terror operado pela branquitude. A suspensão da descrença se dá porque “não existem graus de racismo” (Fanon, 2021, p. 36). Os linchamentos, campos de concentração e muito mais existem como horizonte e circulam na memória, nas relações psico-afetivas e nas estruturas da sociedade (Fanon, 2021).

Quanto à questão do lugar de fala, optou-se pela associação teórica desse conceito com o conceito de olhar negro. Segundo Djamila Ribeiro (2019), o lugar de fala se refere ao campo social a partir do qual produzimos os nossos discursos. Ele visa questionar a autoridade discursiva do homem branco europeu, que sempre se colocou como *locus* do conhecimento. O postulado subalterno rompe com esse regime de autorização ao revelar um lugar silenciado. Enquanto o conceito de olhar negro seria um exercício desse lugar de fala. Segundo a bell hooks (2019), a população negra desenvolveu uma certa forma de olhar, crítica e transgressora, que não quer apenas observar, mas transformar a realidade.

Nessa perspectiva, analisou-se o ponto de vista negro do personagem André (Seu Jorge) em “Medida Provisória” (2020). Segundo Jacques Aumont e Marie Michel (2010), o ponto de vista em filmes narrativos se define como o local de observação, normalmente atribuído a um personagem ou à instância narrativa.

Os fotogramas analisados correspondem às últimas cenas de André no filme, na qual se pinta de branco para ir ao apartamento vizinho em busca de água. Ele aproveita para se

VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

lavar, mas é flagrado por Izildinha (Renata Sorrah), que corrobora para a captura e assassinato dele pela polícia.

Figura 2: Olhares negros

Fotograma 5



Fotograma 6



Como resultado da análise, constatou-se que os fotogramas simbolizam as dores e angústias da autonegação imposta a população negra como estratégia de sobrevivência. O sujeito negro é constantemente interpelado a adotar uma ética e uma estética associada à branquitude como condição de acesso à vida (hooks, 2019). Portanto, a pintura facial de André metaforiza um processo de desfiguração da negritude e da identidade do personagem (Almeida, 2019). Entretanto, na cena seguinte, o personagem toma banho, lavando-se da brancura, representando a libertação do eu. Essa cena demonstra a importância do “amor a negritude” como afeto político que oportuniza ao personagem o acesso a uma vida abundante, simbolizado pela corrente de água do chuveiro.

A supremacia branca depende da desvalorização do negro e da transformação desse sujeito em colonizado (Almeida, 2019). Nesse contexto, o ódio e o medo estão entre os primeiros sentimentos associados à negritude, enquanto a branquitude é positivada no imaginário público (hooks, 2019). Mas, na perspectiva negra, a branquitude é sinônimo de terror, conforme observa o próprio filme. Em virtude disso, bell hooks (2019) afirma que contar histórias negras possibilita a autorrecuperação política, já que a assimilação e o esquecimento dos horrores perpetuados pelo colonizador.

O filme “Medida Provisória” (2020) permite ao espectador o encontro com a negritude, a consciência negra e o antirracismo decolonial. Por isso, o papel da escola envolve a formulação e a adesão a mecanismos de combate ao racismo (Pinheiro, 2023). Em sala de aula, é importante que o educador desenvolva a “competência de ver” dos alunos,



VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL 07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

incentivando-os “expressar racionalmente a experiência sensível” (Duarte, 2009, p. 93). Para tanto, é preciso introduzi-los à linguagem cinematográfica, às imagens na cultura brasileira e aos conceitos formulados pela intelectualidade negra para explicar o racismo.

CONCLUSÕES

O cinema se nutre de memórias, conscientes e inconscientes, representando um tipo de conhecimento que ressoa com maior ou menor intensidade nas pessoas (Carrière, 2015). Nesse intrincado labirinto de imagens, que compartilhamos como seres humanos, os artistas negros expressam sua voz, sua história e sua identidade, elementos que, em algum momento, serão reencontrados e recordados por todos (Carrière, 2015; hooks, 2019).

Assim, como resultado da análise, constatou-se que “Medida Provisória” (2020) promove a autorrecuperação política da comunidade negra ao recriar cinematograficamente as dolorosas memórias do tráfico de escravizados e da estratégia de branqueamento, que visava a erradicação da população e cultura negra. Além disso, a obra sublinha o valor do “amor a negritude” como posicionamento político em um contexto social de ódio à diferença racial. Nesse cenário, a análise do filme como uma fonte de conhecimento e reflexão crítica se integra às abordagens pedagógicas antirracistas.

Essa análise ressaltou a importância de obras cinematográficas como “Medida Provisória” no contexto do combate ao racismo estrutural e na promoção do entendimento e da conscientização sobre as questões raciais no Brasil. O filme oferece um espaço para a discussão e a reflexão sobre o passado e o presente das experiências negras ao mesmo tempo que destaca a importância do amor e do respeito à identidade negra como aspectos fundamentais na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

APOIO FINANCEIRO

Esta pesquisa foi realizada com o apoio financeiro da FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, J. O tenso enegrecimento do cinema brasileiro nos últimos 30 anos. *Cinemas*



VI Semana Acadêmica de Pesquisa, Inovação e Extensão da UEMASUL
07 a 09 de novembro de 2023 - Imperatriz - MA

d'Amérique latine, 2018, 26, pp. 92-101. Disponível Online:
<https://doi.org/10.4000/cinelatino.4185> (Acesso em 11 de fevereiro de 2023).

AUMONT, J.; MARIE, M. A análise do filme. Lisboa: Texto e Grafia, 2010.

BENTO, C. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARRIÈRE, J. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CARVALHO, N. Introdução. Esboço para uma história do negro no cinema brasileiro. *In:* Dogma Feijoada. O Cinema Negro Brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Cultura - Fundação Padre Anchieta, 2005. pp. 17-102. Disponível online: <https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.132/12.0.813.132.pdf> (Acesso em 19 julho de 2023).

CARVALHO, N. Introdução. *In:* CARVALHO, Noel (org.). Cinema negro brasileiro. Campinas: Papirus Editora, 2022. pp. 9-26.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

DEVULSKY, A. Colorismo. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DUARTE, R. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FANON, F. Racismo e cultura. Brasil: Editora Terra Sem Amos, 2021.

HOOKS, B. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, A. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande. *In:* Irmã outsider. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019. pp. 137-142.

PINHEIRO, B. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, D. Lugar de fala. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SÁ NETO, A. Imagens do negro na cultura brasileira: considerações em torno do cinema, teatro, literatura e televisão. São Carlos: EdUFSCar, 2011. Disponível online: http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2706/1/EM_Autran_NegroCulturaBrasileira.pdf (Acesso em 21 de julho de 2023).